

**POR UMA REVISÃO TEÓRICA DA PSIQUE EM
ARISTÓTELES: UM ENSAIO EPISTÊMICO-
FILOSÓFICO PARA UMA PSICOLOGIA COMPLEXA
DO SÉCULO XXI**

Fabiana Tavolaro Maiorino Correio^{*}
Simone Oliveira Camillo Correio^{**}

recebido: 08/2014
aprovado: 12/2014

RESUMO: Esse ensaio investigou a concepção epistêmica da *psique aristotélica* em contraponto a visão de Descartes na Modernidade para fomentar uma superação dos projetos psicológicos modernos que partiam em sua grande maioria do projeto cartesiano, no qual a *psique* é compreendida como consciência. Essa matriz cartesiana tem demarcado um modo de se fazer e de se pensar o fenômeno psicológico de forma dicotômica, separando mente e corpo, assim como tornando o fenômeno psicológico um ente naturalizado e universal. Nesse sentido, a concepção de *psique* Aristotélica pode trazer um contraponto a essas escolas psicológicas de base cartesiana, pois, concebem o psiquismo, não como consciência, mas como vida, sendo que um dos momentos da vida é a consciência, mas não o único, como ocorre com a visão cartesiana.

Palavras-chaves: Psicologia, Psique, Subjetividade, Aristóteles, Descartes.

* Psicóloga pela PUC/SP, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Doutoranda pela Educação da USP, Professora de psicologia no curso da UNIP /SP há 13 anos, doutoranda pela FEUSP.

** Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein (1995), Especialista em Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica pela Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP (1998), Mestre (2004) e Doutora (2012) em Ciências pela Coordenação dos Institutos de Pesquisa da Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo. Atualmente é docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Medicina da Fundação do ABC-FMABC/Santo André/SP.

“ Eu sou corpo e psique-assim falava a criança- e por que se não há de falar como as crianças? Entretanto o que está desperto e atento diz- Tudo é corpo e nada mais, a psique é apenas o nome de qualquer coisa do corpo. O corpo é uma razão em ponto grande, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento do teu corpo é também tua razão pequena” (Nietzsche).

Esse estudo teórico destina-se a apresentar uma compreensão conceitual da psique na visão aristotélica, com o intuito de oferecer à Psicologia do século XXI, um resgate pertinente em direção a sua conduta epistemológica, propondo uma superação do viés cartesiano, ainda presente em várias frentes teórico-práticas da psicologia atual. A partir disso, oferece-se uma visão concatenada com uma Psicologia da Vida, pautada numa epistemologia complexa e não dicotômica. Para isso, realizaremos uma revisão teórica da concepção da psique nesses dois sistemas filosóficos – aristotélico e cartesiano- para alcançar uma discussão crítica em direção a uma psicologia superadora e integradora.

Para introduzir a pertinência dessa revisão conceitual, precisamos retomar a história da Psicologia e suas matrizes epistêmicas. Todas as práticas psicológicas estão fundamentadas na história das idéias e dos homens que as criaram, ou seja, sedimentadas a partir de diferentes matrizes discursivas, científicas, valorativas e filosóficas situadas historicamente. Desde a sua história oficial, na modernidade, a psicologia vive

uma crise constante, pois é uma ciência que é demarcada por uma intensa fragmentação epistemológica e metodológica.

Atualmente, se qualquer pesquisador na área psicológica pretende compreender a configuração das diversas formas de se pensar e fazer Psicologia necessita, impreterivelmente, de refazer o processo de gestação do psicológico, que sem dúvida se revela com a busca por uma compreensão pela concepção do objeto de estudo, incluindo suas descontinuidades e continuidades, numa visão histórica e dialógica.

Uma breve retomada genealógica da psique nos revelou que ela foi revestida de inúmeros nomes através dos tempos: desde a psique dos gregos, a alma dos filósofos medievais, a mente ou espírito dos estudiosos franceses do século XVI e a mente ou a cognição dos empiristas do século XVIII, que viabilizou o projeto científico da Psicologia no século XIX na Alemanha.

A legitimação da Psicologia como ciência, foi marcada principalmente pela matriz cientificista, na qual demarcaram uma psicologia voltada para promover técnicas e saberes que visavam o auto controle do sujeito, resultando numa visão de psicologia como uma ciência natural do subjetivo. Investigando mais profundamente essa matriz, podemos localizá-la epistemologicamente com o sistema racional de René Descartes no século XVII.

O paradigma cartesiano foi instalado na mentalidade científica da modernidade por Descartes, que desenvolveu uma série de investigações acerca da natureza do conhecer e do sujeito cognoscente. O filósofo estabeleceu a existência baseada na fórmula do *cogito*, ou seja, o sujeito pensante ao perceber que

pensava, concomitantemente assegurava seu próprio existir (HUSSERL, 2001).

Muitas das teorias psicológicas modernas partem do paradigma cartesiano, no qual a *psique* é entendida como a consciência, o que deriva uma visão da subjetividade humana como natural e material. Como REY (2003) nos relata:

as bases epistemológicas das diversas correntes psicológicas tem sido pautadas no paradigma cartesiano newtoniano, no qual a abordagem e a compreensão do psiquismo entendidos sob o prisma da ciência natural, caracterizada por se empírica, positivista, reducionista, quantitativa , genérica, determinista e previsível e por postular as idéias de um observador independente (p. 71).

Porém percebe-se que ao longo da História das Idéias, a Psicologia tem buscado, a partir de algumas escolas e pensadores, refutar esse modelo naturalizante e positivista que abarca o subjetivo como um ente concreto e determinado por condições genéticas, ambientais e orgânicas, dentro de uma lógica causalista. Para isso, será interessante retomar a epistemologia aristotélica, que serviu como base de pensamento para muitos pensadores modernos, que estavam implicados em construir um campo de idéias divergentes ao cartesianismo e a concepção de sujeito metafísico, como assim o fez Heidegger, em seu projeto fenomenológico existencial no século XIX.

No início do século XX, segundo Serbenas&Raffaelli (2003), a Psicologia passa a ser vista como um ramo da Filosofia que estuda especificamente a *psique*, definida como um princípio de pensamento e como animação do corpo. Na

filosofia moderna, a *psique* passará a ser identificada como o objeto concreto da psicologia, a subjetividade, que se encontra circunscrita a noção de um sujeito cognoscente. Somente, então, após a Primeira Guerra Mundial, há o desenvolvimento de uma Psicologia científica e experimental, com a criação de técnicas e testes eficazes para seleção e recrutamento dos soldados e trabalhadores. Então, a partir desse momento, as noções metafísicas como as de *psique* são em, sua maioria, abandonadas, devido a sua falta de precisão e de objetividade.

Serbena&Raffaelli (2003) criticam o discurso cientificista da modernidade, que reduziu a Psicologia a um saber positivo, empírico e neutro, ignorando a subjetividade, tornando-se prisioneira do mito do cientificismo. Os autores afirmam que é fundamental repensar o objeto da psicologia e sua linguagem, considerando a sua origem como uma ciência também da *psique*. Desse modo, compreender a episteme da *Psique* possibilita-nos ampliar a expressão e compreensão do fenômeno subjetivo na contemporaneidade.

Esse estudo teórico, portanto, irá capturar o sentido da *psique* nas duas escolas de pensamentos -aristotélica e cartesiana- de modo a refletir sobre os diferentes modos de subjetivação que desenvolvemos no ocidente e que tem marcado a psicologia até a atualidade. Dessa forma, pretende-se apontar a *psique* aristotélica como ponto de articulação para um projeto de psicologia complexa, que não se restringe as dicotomias metafísicas.

Genealogia e Etimologia da Psique

Numa revisão etimológica, *Psique*¹ é um termo que deriva do latim *Ānima*, este refere-se ao princípio que dá movimento ao que é vivo, o que é animado ou o que faz mover. De *Ānima*, derivam diversas palavras tais como: *animal* (em latim, *animalia*), animador.

Com Abbagnano (2007), psique é associada com alma ou consciência, definindo-a como:

o princípio da vida, da sensibilidade e das atividades espirituais, constituindo uma entidade em si, ou substância. (....) entendendo-se com esse termo precisamente uma realidade em si, isto é, que existe independentemente das outras. (p. 28)

Segundo Lima Vaz (2004), os termos *psyché* e *pneûma* evocam a metáfora do sopro vital, assim como os vocábulos latinos *anima*, *animus*, *spiritus*. O problema do psíquico ou do anímico, segundo o pensador, aparece intimamente relacionada na história da filosofia antiga. A tradição ocidental conhece com relação à estrutura psíquica do homem dois esquemas fundamentais: o esquema dual (*psique* vs *corpo*) e esquema tripartido (relação *corpo- psique- espírito*).

Segundo Edinger (1999), os filósofos da Grécia Antiga foram os primeiros a articular certas idéias e imagens centrais à

¹ Psique (para os gregos a Alma também era chamada de psyche) no [Dicionário Michaelis](#), tem os seguintes sentidos : *sf (lat anima)* **1** Nome que exprime vagamente a causa oculta dos movimentos vitais; princípio, força vital, princípio sensitivo e intelectual, vida. **2** *Filos* Princípio imaterial da vida, do pensamento e da ação. **3** Coração, peito, considerados como centro de afetos, de paixões; consciência; tudo o que dá vigor, força, expressão, não só no físico, mas também no moral. **4** *Teol* Substância incorpórea, imaterial, invisível, criada por Deus à sua semelhança; fonte e motor de todos os atos humanos. **5** *Teol* Essa substância, quando separada do corpo. **6** Pessoa, considerada como dotada de afetos e paixões: *É boa alma* (= *pessoa boa*). **7** Indivíduo, pessoa.

psique ocidental, compete, então, à psicologia moderna estar familiarizada com essas imagens e origens, reconhecendo-as e situando-as nas bases epistemológicas das diversas teorias psicológicas existentes hoje.

Foucault (2001) contribui com essa discussão, ao apresentar o exemplo de Epicuro que afirmava que todo homem ao longo de sua vida deveria ocupar-se com a sua própria *psique*, e para ocupar-se emprega ele práticas chamadas terapêuticas, que naquele contexto sócio histórico assumia 3 principais sentidos: (1) os cuidados médicos como uma espécie da terapia da *psique*; (2) o serviço que um servidor presta ao seu mestre , (3) o serviço de culto destinado as divindades.

Na História Antiga para os gregos e posteriormente os romanos, o acesso à verdade implicava uma prática espiritual, além de filosófica. Nas obras de Sócrates e Platão, os cuidados de si designam precisamente o conjunto das condições de espiritualidade, o conjunto das transformações de si que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade. Portanto, Foucault (2001) reafirma que por toda a Antiguidade o tema da filosofia e a questão da espiritualidade são duas questões que jamais estiveram separadas, com exceção da filosofia ética de Aristóteles.

Na filosofia grega metafísica, dos chamados pré socráticos, o primeiro conceito a ser analisado foi o de *physis* (natureza), e somente com a filosofia clássica de Sócrates e Platão, que o conceito de *psique* (*psique*) se evidencia no panorama filosófico.

Chauí (1994) caracteriza a filosofia pré socrática como uma cosmologia, isto é, como uma explicação racional sobre a ordem presente ou atual do mundo, e tem como pressuposto básico, que nada vem do nada e nada retorna ao nada, ou seja, que não há criação a partir do nada, apontando que o fundo imortal e perene de onde tudo brota e para onde tudo regressa é a *physis*. Ainda caracteriza a *kinesis* (movimento) como preocupação central dos metafísicos, ou seja, preocupação com o devir ou o vir a ser.

Edinger (1999) identifica os filósofos milésios, todos da cidade de Mileto, como o grupo que deu origem a dois conceitos primordiais: *physis e arche*. Foram eles: Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímenes. O autor descreve *physis* (em latim, natura; e em inglês nature) como um termo complexo, ele é usado para designar a fonte, a origem, a descendência de algo. Mas também pode significar a condição natural e original de alguma coisa, à sua natureza. E em terceiro lugar, ainda, Edinger (1999) afirma que *physis* pode significar o poder do crescimento.

O outro conceito fundamental dos milésios é o termo *arche*, que significa começo, princípio, substância original, por exemplo, Tales de Mileto ficou conhecido como o filósofo que destinou a *arche* a *hydro* ou seja, ao elemento da água. Chauí (1994) afirma que o fato de Tales de Mileto considerar a água como *psique*, isto é, como princípio vital, leva-o a considerar que todas as coisas são viventes ou animadas e por isso se transformam e se conservam., como a autora nos relata:

Com efeito, Tales considera que o princípio vital ou a *psyche* (psique) é uma forma motriz ou cinética, isto é, uma força

capaz de kinesis (movimento), capaz de mover-se e mover outras coisas. (p 57)

Para analisar a genealogia da *psique* na visão filosófica clássica grega, podemos destacar duas obras gregas: *Fédon*, diálogo sobre a *psique* e morte de Sócrates, de Platão; e *De Anima*, de Aristóteles.

Em *Fédon*, um diálogo de Sócrates com Símiias e outros discípulos, há uma discussão sobre o destino da *psique* no momento da morte, Sócrates então diria, segundo Platão:

Não é outra coisa senão a separação da *psique* do corpo, estar morto é bem isto, de um lado, separado da *psique*, o corpo isola-se em si mesmo, do outro, a *psique*, por sua vez, separada do corpo é isolada em si mesma. (p 27)

Ainda nesse diálogo, Sócrates vai afirmar que o corpo engana a *psique* na busca pela verdade, afirmando que é no ato de raciocinar que a *psique* vê manifestar-se plenamente a realidade de um ser, livrando-se das perturbações provindas dos sentidos corporais.

Entende-se que sob a ótica da visão socrática e platônica, é no momento da morte, que a *psique* do filósofo tem o maior desprezo pelo corpo e dele foge e ao mesmo tempo, procura isolar-se do corpo em si mesma.

É a partir do pensamento que os homens se livrariam das impurezas, como Platão explicita: depois de se ter desembaraçado o mais possível dos olhos, dos ouvidos e, para falar acertadamente, do corpo inteiro, pois é este que perturba a *psique* e a impede de adquirir a verdade. (p ?)

A busca pelo conhecimento na visão socrática-platônica se dá por um processo de purificação, que consiste em separar a *psique* do corpo, habituá-la a reconhecer-se e a fechar-se em si mesma, alheia a qualquer elemento corpóreo. Permanecer tanto quanto possível, tanto na vida presente quanto na futura, pura das sensações.

Daí a explicação convincente que Sócrates profere aos discípulos, nos momentos anteriores a sua morte, afirmando que os filósofos e os amantes do saber não deveriam ter medo da morte, porque é nesse momento, que a *psique* consegue se libertar do sensível, do corpóreo, atingindo sua plenitude e pureza.

Ainda em *Fédon*, Platão ao dar voz para Sócrates, explicita a imortalidade da *psique*, considerando-a eterna, e desenvolve, ainda, a idéia de que o conhecimento existia antes do que nascêssemos, e que esse conhecimento pode ser recuperado por meio da *anamnesis*, ou seja da recordação. (Edinger, 1999)

Esse processo de *anamnesis* apresentado por Sócrates, a partir dos diálogos em *Fédon*, está baseado na idéia de que antes de ouvir, tocar, enxergar, sentir o mundo através dos nossos sentidos corpóreos, deveria existir um conhecimento a priori, que guardaria a propriedade da igualdade com as percepções que teríamos a posteriori, porém é considerado superior as nossas percepções: é o ideal, a forma perfeita.

Essas idéias platônicas tiveram uma forte influência do pitagorismo e do orfismo², movimentos que acreditavam que a

² O orfismo é considerado como a religião dos Mestres da Verdade, reunidos em confrarias de iniciados nos mistérios e que têm seu patrono em Orfeu, aquele que desceu ao Hades (reino dos mortos) e viu a verdade (alétheia).

psique era distinta do corpo e possuía a propriedade da metempsicose, ou seja, de encarnar várias vezes. Segundo Agostini (2007) o mundo estava organizado segundo uma hierarquia de *psiques*, em que o homem é o ser privilegiado, dentre os demais, por ser o único capaz de aperfeiçoar sua *psique*. Daí, então, a necessidade de preservá-la por meio de rituais sagrados e da dieta alimentar rígida que proibia, por exemplo, o consumo de carne animal.

Chauí (1999) declara que as religiões do orfismo e do pitagorismo, diferentemente da religião homérica, que cultuava os deuses, buscava rituais para purificar a *psique*, ou seja, a religião deixa de ser uma religião da exterioridade para tornar-se uma religião da interioridade, isto é, da ascese moral e da catarse da *psique*, hóspede passageira do corpo mortal.

Dessa forma, Abbagnano (2007) caracteriza a história filosófica como monótona, pois a visão de *psique* ou alma como substância que se autogere permanece por vários pensadores, desde Anaxímenes e Diógenes de Apolônio, que confirmam o ar como o princípio das coisas, ou mesmo a harmonia numérica para os pitagóricos, entre tantos outros, não ousam apresentar uma *psique* com status ontológico diferenciada. É a partir da visão aristotélica que temos um rompimento significativo com a visão metafísica (de inspiração socrático-platônica), que ditava a separação do corpo e da alma, com supremacia dessa última. Aristóteles marca um momento nessa história, quando :

Os mistérios órficos são rituais de purificação para que a alma do poeta, do vidente e do legislador não seja submetida às águas do esquecimento. (Chauí, 1999)

ÁGORA FILOSÓFICA
. v. 1. n. 2 (2014), pp.190-218 e-ISSN 1982-999x

as determinações por ele atribuídas ao ser psíquico, nos termos do seu conceito de ser, viriam a se constituir por muito tempo o modelo de boa parte das doutrinas da alma. Segundo Aristóteles, a A. é a substância do corpo. (p 29)

No Cristianismo com forte influência das vias neoplatônicas, encontramos uma concepção da psique como instância puramente espiritual, sagrada e onipotente, é ela quem controla a fé e o juízo racional. Nesse contexto, o homem se desliga das coisas mundanas e dos outros e volta-se para si, criando uma indagação interior intensa, em busca da iluminação divina. Há de se destacar a importância da obra de Santo Agostinho nesse período.

Já para a filosofia moderna e contemporânea, a compreensão da psique se torna mais complexa, como Abbagnano (2007) reafirma, como uma relação da alma consigo mesma, de uma relação intrínseca do homem consigo, pela qual ele pode vir a se conhecer, de forma segura e infalível. (p 217). Porém há de se lembrar que só se pode iluminar uma realidade interior, em momentos e filosofias que assumem a oposição interioridade e exterioridade como concorrentes, de igual calibres e importâncias.

Revisão teórica da Psique aristotélica

Para realizar uma revisão conceitual da psique aristotélica, é imprescindível a consulta à obra *De Anima*, que

foi segundo Gomes dos Reis (notas do tradutor, em Aristóteles, 2006), um tratado muito lido durante o Renascimento, nos cursos de medicina e era um requisito básico nas universidades para a obtenção do título de bacharel em artes. *De Anima* é compreendido como um tratado sobre o estudo da vida, que incluía o estudo da *psique*, a separação entre esses dois focos só se dará na filosofia moderna. Gomes dos Reis (2006) nas notas da tradução aponta que :

o divórcio entre o estudo da vida e o estudo da *psique*, tal como passou a ser entendido na filosofia moderna, de fato, só se deu completamente no século XVII. Na perspectiva do DE ANIMA, a investigação da *psique* contempla plantas e animais, bem como seres humanos, sem diferenciar-se claramente do que é hoje o campo da biologia. (p16)

O objeto da obra *De Anima* é a *psique*, que diferencia um ser natural animado de um ser inanimado. Gomes dos Reis (notas de tradução, em Aristóteles, 2006) apresenta a obra definindo-a como um tratado que objetiva examinar a solução de três ordens de problemas: o do gênero e o da unidade da *psique*, bem como o de sua definição.

Inclui questões como: Que gênero de coisa é este princípio de vida, que chamamos de *psique*? Seria uma substância, no sentido material, extensa, que ocupa lugar no espaço? Ou a *psique* será abstrata? A *psique* é divisível em partes ou não, e se toda e qualquer *psique* é da mesma forma?

Para responder a essas questões complexas, Aristóteles construiu uma obra singular, que compôs a base de todo o projeto da psicologia da Alma, que influenciaram Tomás de Aquino e tantos outros ao longo da história.

Aristóteles irá definir a *psique* como essência ou a forma de um corpo que tem a vida em potência. Dessa definição, podemos compreender que a *psique* é entendida como um princípio de animação de todo ser vivo, ou seja, como um princípio de vida orgânica e de movimento do organismo.

Aristóteles (2006) afirmou que a *psique* é uma substância (*ousia* em grego) , isto é, como afirma Abbagnano (2007), uma realidade no sentido forte do termo, assim como é princípio independente de operações, isto é causa (p 29) .

Essa substância primeira tem uma forma (universal) e matéria (que varia conforme o sujeito e o singulariza). Nessa substância encontramos também uma dimensão intelectual, porém não define a substância como pura racionalidade como o faz Descartes, associando a *psique* com a racionalidade. Portanto, uma das marcas da concepção de *psique* está baseada na teoria hilemórfica, na qual se define que há solidariedade entre a matéria e a forma

Portanto, há uma relação intrínseca entre a *psique* e o corpo, por exemplo, quando Aristóteles (2006) afirma que a alma garante a coesão das partes materiais que compõem o ser vivo e determina suas proporções (p 21), isto significa que a *psique* está em toda parte do corpo do ser vivo, sem diminuir sua vitalidade. Esse é um ponto importante a ser destacado, pois vem oferecer uma visão integradora entre *psique* e corpo, o que não ocorria com a visão metafísica, que coloca a alma separada

do corpo e buscando uma pureza constante nessa divisão idealizada.

Stirn (2006) descreve que a *psique* sob a visão aristotélica possui diferentes partes: a *psique* nutritiva, *psique* sensitiva, motriz e apetitiva, e *psique* intelectual. Estas partes, segundo o autor, são distintas mas interligadas, na primeira somos vegetais (*psique* nutritiva), na segunda (*psique* sensitiva, motriz e apetitiva) somos animais e na terceira (intelectiva) somos humanos.

O homem, portanto, é compreendido dentro de uma perspectiva ecológica, como podemos vislumbrar com a afirmativa de Stirn (2006) :

antes de ser especificado pela palavra, o homem se caracteriza pelo gênero a qual pertencer; é um animal, e de maneira mais geral, um ser vivo. Sendo assim, não se pode separar a antropologia de uma classificação zoológica dos animais... todos os seres da natureza se acham interligados de maneira contínua. “ (p. 93)

Aristóteles anuncia uma visão serial da psique, em que ela se refere amplamente ao viver, que se diz e se faz em vários sentidos : pois viver é nutrir-se, crescer, gerar, sentir, perceber, desejar, locomover-se, querer, agir, pensar e discursar. Daí a contribuição inestimável da visão aristotélica, que reintegra a psique com a vida viva, tal como ela acontece no devir humano, sem fazer referência a nenhuma instância metafísica alienável ao nosso alcance humano.

Segundo Lima Vaz (2004), Aristóteles amplia a compreensão da psique numa série de traços da sua concepção antropológica-filosófica, primeiramente demarcado pela

ÁGORA FILOSÓFICA

. v. 1. n. 2 (2014), pp.190-218 e-ISSN 1982-999x

estrutura biopsíquica, na qual a *psique* é abrangente, incluindo elementos de diversas procedências, tais como o fisicismo jônico, a investigação empírica e o intelectualismo finalista socrático platônico. Desses elementos surge a idéia da *psique* como princípio vital que é o ato ou a perfeição de todo ser vivo e ao qual compete a capacidade de mover-se a si mesmo (*autokinêton*).

Ainda com base na obra de Lima Vaz, é impossível discutir a gênese da *psique* sem incluí-la na dimensão da *physis* (natureza), caracterizando o homem como um ser vivo que possui *psique* (alma) e *soma* (corpo). Mas pertence também a essa discussão sobre a *psique* na visão aristotélica, compreender a racionalidade, como uma função da *psique*, que eleva-se sobre a atividade dos sentidos externos.

O homem, para Aristóteles, ainda é definido como *zoon logikón*, ele se distingue de todos os outros seres da natureza em virtudes do predicado da racionalidade: “ ele é um animal racional que fala e discorre, enquanto ser dotado de logos, o homem transcende de alguma maneira a natureza e não pode ser considerado simplesmente um ser natural. “ (Lima Vaz, 2004, p 37) .

Para conclusão, Lima Vaz (2004) define a *psique* aristotélica como a perfeição, ato do corpo organizado (*sôma*). Para Aristóteles é o que faz uma potência ser atualizada, a atualidade completa do ser, a atualização como realização da finalidade que um ser possui por natureza. Portanto, para Aristóteles a *psique* é definida como *entelécheia* (***enteléchia* : en=dentro + télos=fim**) do corpo organizado. Suas funções elementares são estudadas segundo uma gradação que caminha da

função genérica comum a todos (ex.: nutrição) para a função da sensação própria dos seres viventes superiores e finalmente para a diferença específica do homem: a função intelectual.

Do ponto de vista epistemológico, Stirn (2006) conclui que a teoria da *psique* em Aristóteles é atravessada por três teorias: *hilemórfica* (solidariedade da matéria e forma), *vitalista* (a *psique* é o princípio de animação viva antes de ser atividade pensantes), *finalista* (a composição dos órgãos decorre da função vital). Além disso, o autor transcorre afirmando que a concepção de *psique* em Aristóteles ocorreu numa dupla refutação: do dualismo platônico e a do materialismo atomista. Porém , que até hoje, fica aberta a uma reflexão pertinente: como o corpo se relaciona com a *psique*?

Confirmando nossa tese integralista da *psique* aristotélica, Everson (1995) afirma que a psicologia aristotélica não se interessou por um enfoque mental ou o entendimento da diferença entre corpo e mente, mas sim por uma psicologia da vida, especialmente na distinção entre vida e morte: “ What determines the scope of his psychology is not the recognition of a distinction to be drawn between the mental and the physical , but rather that between the living and the dead. “ (Everson,1995, p 168)

Everson (1995) ainda adverte que o interesse da Psicologia deveria mais abrangente, do que apenas ficar reduzida a compreensão das operações mentais e cognitivas, ou elucidar a relação entre a mente e o corpo, como já dito, mas deveria desenvolver e incluir teorias de percepção e ação, crenças, desejos, imaginação: uma teoria da *psique* deveria

ÁGORA FILOSÓFICA

. v. 1. n. 2 (2014), pp.190-218 e-ISSN 1982-999x

incluir , também o entendimento da nutrição e crescimento dos organismos vivos. A psicologia, segundo o autor, deveria compreender a psique como a forma do corpo vivo.

Revisão teórica da psique cartesiana

Para compreender a psique moderna, é preciso explicitar que a modernidade imprimiu a essa discussão, a personificação da psique em uma substância pensante, autonominada na percepção de um EU, autocontrolado e consciente.

A afirmação do sujeito, enquanto um ser autônomo chegará ao seu auge no séc XVII e depois viverá uma crise até o séc XIX, quando surgem os primeiros projetos de Psicologia, como afirma Figueiredo (2002):

A experiência subjetiva no sentido moderno, instaurada nesse processo, deve sua emergência a uma intensificação da vivência da diversidade e da ruptura, que acontece desde o final do séc XV, acompanhada de inúmeras tentativas de reordenação, e de costura que vão desembocar na formação daquilo que se convencionou chamar de sujeito moderno. E é esse sujeito , que no final do séc XIX vive seu apogeu, e ao mesmo tempo, o início de sua dissolução: começa a desmoronar a ilusão de que o homem ocupa o centro do mundo e, que , desse lugar, ele tudo vê, tudo pode. (p 14)

Entendemos que a noção de interioridade é resultante de um contexto sócio cultural e não resultado da essência ou

natureza humana. Com isso estamos reafirmando que se na atualidade somos humanos que priorizam a sua interioridade acima de qualquer outra instância, essa forma de ser e estar no mundo hoje é co resultante de contextos sociais, históricos e culturais, que no Ocidente foram demarcados pelo Renascimento, pelo Iluminismo, pelo Romantismo, o capitalismo e a ética protestante.

No Renascimento, houve uma grande valorização do homem, e ao mesmo tempo, uma pressão social de que ele deveria buscar uma formação, para se constituir enquanto sujeito social. Santi (1998) reafirma essa necessidade ao se referir ao movimento do Humanismo, como aquele que promove a educação do homem, ou seja, um homem que não tem mais seu destino predestinado pelas verdades cristãs mas que precisa se constituir através de cuidados consigo e com a sua formação.

No séc XVI, esse controle se deu a partir de mecanismos explícitos, como os manuais de bons modos onde expunham como os excessos do corpo e prazeres pudessem ser controlados, como os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio Loyola, que diziam ao homem que caminhos tomar para ser salvo do caos instaurado pelo renascimento- a resposta era o caminho divino. Santi (1998) relata que impõe-se ao homem escolher o seu caminho, que implica em uma construção de identidade: o homem agora precisa saber para que serve, o que é certo ou errado moralmente, etc.

No séc XVII, o homem elegerá a ciência e o método para compor a sua vida e controlá-la por meio do uso da razão, que buscará ordenar o caos do Renascimento a partir de uma postura neutra e observadora, baseada no valor da neutralidade

científica. Nesse contexto, merece real destaque o pensador René Descartes, que com seu método mecanicista baseado no uso correto de leis matemáticas e geométricas buscava alcançar a verdade, com o uso da dúvida metódica. Com isso teríamos o ponto máximo do humanismo, com o reconhecimento do homem no centro do mundo, munido da racionalidade instrumental, que controla o mundo e os impulsos humanos.

Critelli (2006) destaca a importância da obra cartesiana na história ocidental, pois a filósofa sinaliza que além da modernidade destituir o campo espiritual do filosófico e do conhecimento, também será superado a visão filosófica a partir da matematização da natureza

Essa afirmação radical do eu moderno se dá à custa da exclusão dos prazeres, das condutas desviantes, irracionais, passionais; nesse momento, os humanos detentores desses comportamentos vão ser excluídos, por ameaçarem a sanidade racionalizada dos sãos. Como afirma Santi (1998) agora é a estabilidade do mundo que está em jogo na identidade do eu, é preciso criar mecanismos para afirmá-lo e defendê-lo.

A era do método do séc XVII constituiu o sujeito epistêmico, que busca se diferenciar radicalmente da natureza, buscando ao contrário, dominá-la, explorá-la e obter lucro. É aqui que se incentiva a dicotomização do mundo ocidental: um sujeito racional, munido de objetividade que observará, mensurará e controlará os objetos do mundo. Como Critelli (2006) reafirma só é objetivo aquilo que está separado do homem, que é coisa em si e que pode ser mensurada, controlada, e portanto, coisa a respeito da qual a razão se assegura.

Simba (2004) afirmou que a obra de Descartes rompeu com o viés naturalista de sujeito e numa reviravolta frente ao empirismo, indicou a soberania da coisa pensante (cogito), pelo método da redução e das meditações cartesianas, a psique foi conotada como uma coisa pensante (res cogitans), a exceção frente a dúvida e a incerteza.

Abbagnano (2007) reafirmará a importância do cartesianismo, ao afirmar que no mundo moderno, a visão decisiva será a de Descartes, em cuja doutrina há o reconhecimento da psique como realidade, marcando ainda a virada subjetivista na interpretação da alma como substância (p 31).

Simba (2004) descreve essa virada:

Assim, a temporalidade e a contingência da existência do eu dependem da experiência de uma consciência que é, ao mesmo tempo, consciência de si mesma como tendo em si a ideia do infinito. Essa observação desenvolvida na Meditação terceira, inaugura uma filosofia e uma ética radicais da individualidade. (p 65)

No prefácio de “ *As paixões da alma*” de D’Arcy (Descartes, 2005), afirma-se que na sequência de Discurso do Método e também nas Meditações, Descartes opera a distinção entre alma e corpo, e constrói o fundamento metafísico para legitimar sua concepção dualista. Concebe o espírito como distinto do corpo e passível de subsistir sem ele (p XXIX). A alma cartesiana é o local das paixões, mas está desembaraçada de toda e qualquer função orgânica. D’Arcy reforça:

De um lado, há o corpo, que nos é comum aos animais e deve reduzir-se à extensão modificada por figura e movimento, do outro a alma, *res cogitans*, e o que se trata de compreender é como ambos podem ao mesmo tempo ser independentes e interagir. (p XXIX)

Descartes ainda afirma na obra *Meditações*, que apenas com a união da alma com o corpo, que este adquire uma integridade e dignidade, apontando uma visão soberana da alma por sobre as questões extensas e voláteis do corpo.

A alma e o corpo possuem substâncias distintas, a extensão física dos corpos, a imaterialidade dos pensamentos, porém coexistem, ou seja, para justificar a relação entre essas duas esferas, Descartes desenvolveu curiosas explicações no “*Tratado das Paixões*”, apelando para a existência dos espíritos animais, que poderia realizar essa conexão. Porém acusa-se essa hipótese cartesiana como frágil e pouco fundamentada, que reverbera até os dias atuais como uma lacuna na obra de Descartes.

A metafísica cartesiana repete a divisão proposta pelo modelo platônico, ou seja, continuando a tradição platônica, Descartes concebe o mundo físico como a efetivação particular e conseqüentemente deformada de um modelo ideal de universo, apenas alcançável pelo puro intelecto. (Pessanha, p 21)

Para Descartes, na obra *Meditações*, acima do *res cogitans* apenas há Deus, ilustrando a primeira causa perfeita, que teria criado a existência do ser finito e imperfeito, que são os homens pensantes. Esse Deus seria fundamento da ciência, não é o deus religioso, mas aquele Deus que garantiria a

objetividade do conhecimento científico, legitimando o otimismo racionalista, Pessanha (1996) nomina-o como o Deus-razão, que Descartes cultuará e será exaltado na era Iluminista do século XVIII.

Em busca de Psicologia da complexidade no século XXI

Em direção a uma discussão superadora, podemos sinalizar que a visão cartesiana promoveu consequências funestas para a constituição epistêmica das Psicologias na Modernidade, dentre elas podemos destacar os seguintes aspectos: visão da psique como dimensão espiritual, individual e separada dos fenômenos corporais, a adoção do método de decomposição e do mecanicismo na compreensão do fenômeno psicológico, a adoção de categorias supra sensíveis como fundamentais na compreensão do fenômeno psicológico, além da desconsideração do corpo na compreensão do fenômeno psicológico.

Essas influências epistêmicas-metodológicas oriundas do paradigma cartesiano ofuscaram os ganhos que a visão aristotélica poderia contribuir para a confecção de uma psicologia complexa e integrada ao dinamismo do devir humano. Por exemplo, a Psicologia esqueceu-se da integração do fenômeno psicológico no movimento dinâmico da vida, que implica não somente o homem como ser pensante, mas o

homem como espécime biológico, integrado na lógica da natureza e dos sistemas sociais e ecológicos.

Essa dicotomia e a dissociação mente/corpo pode ser verificada em algumas psicanálises, como Birman (1999) apresenta em “*Mal estar na modernidade*”, quando afirma que a psicanálise pós freudiana não concedeu lugar ao lugar ao corpo na constituição do psiquismo, definindo o corpo em oposição ao psiquismo e reduzido ao biológico e somático. Birman (1999) ainda complementa:

Estabeleceram-se os impasses do dualismo psicofísico da psicologia introspectiva do séc XVIII, que foram bastante agravados no séc XIX. Isso porque a aquisição de novos conhecimentos científicos sobre o organismo aumentou ainda mais o intervalo entre os registros somáticos e psíquicos. Consequentemente a exclusão do corpo teve por efeito a redução da psicanálise a uma leitura estrita dos processos psíquicos, de ordem representativa e significante(...) Com isso, o corpo organismo foi colonizado pela medicina e o psiquismo desencarnado foi entregue à psicanálise. (p54)

Rey (2005) tem muito a contribuir nessa discussão, psicólogo cubano de ampla reflexão epistêmica, aponta que o cartesianismo provocou a visão da psique como entidade interna e individual, e nesse sentido é preciso se reconstruir a Psicologia como a ciência do fenômeno psicológico complexo, que compreenda a psique como um processo complexo, dialógico e dinâmico, superando-se as dicotomias clássicas, tais como psique vs corpo.

Através de um projeto de uma psicologia da vida complexa no século XXI, Rey (2005) elege a subjetividade como objeto da psicologia, compreendendo-a como um sistema complexo em desenvolvimento, com forma de organização própria e em que as novas produções de sentido são constituídas pela ação dos sujeitos, constituindo-se como lugares de produção semiótica e não apenas como meros coadjuvantes. Aqui a psique passa a ser relacional, integrada na ação do homem sobre o mundo e do mundo sobre si, em configurações intersubjetivas, compreendida na vida e pela vida, em suas continuidades e descontinuidades vivenciais.

A visão aristotélica da psique tem muito a contribuir com essa busca, elegendo a alma como o lugar da vida, não só humana, no quesito pensante, mas como ser vivente, configurada em uma rede complexa de relações biológicas, sociais e emocionais. Stirn(2006) nos confirma essa superação quando afirma que :

a psique é sobretudo o princípio da vida em um ser e não apenas o substrato dos pensamentos (a res cogitans , a substância pensante de Descartes ou o intermediário platônico entre o conhecimento através dos sentidos e a visão das idéias puras), a psicologia é uma parte da biologia, penso, portanto vivo. (...) Eis algumas conseqüências: a psique e o organismo estão unidos de modo indissolúvel, a imortalidade é altamente improvável, como também a reencarnação.(p 94)

Considerações Finais

A Psique ocidental moderna está baseado numa visão dicotômica de mundo e do fenômeno psicológico herdeira da visão cartesiana da psique, na qual há uma separação fundamental entre o eu e o Outro (social), entre a mente e o corpo, natureza e social. O fenômeno psicológico em algumas teorias psicológicas parece estar situado na mente , como se estivesse desconstituído da dimensão corporal, uma visão dicotômica, que traz consequências importantes – ao meu ver, limitadoras- na prática profissional dos psicólogos que adotam essa visão de homem e de subjetividade.

Dessa forma, é preciso se reinventar um projeto psicológico consoante com a complexidade, anunciada pela concepção vital de Aristóteles da Alma, constituinte de uma Psicologia Prímeva. Ao realizar essa revisão, fez-se perceber que o novo paradigma da complexidade tem raízes epistêmicas antigas, como a aqui apontada- na ágora aristotélica- para poder superar o viés cartesiano dicotômico e incorpóreo.

Apontamos a psicologia complexa de Rey (2005) como uma possibilidade interessante nessa nova trajetória da Psicologia Viva do século XXI. Há de se buscar novos horizontes, sem esquecer-se dos percursos genealógicos, para isso nunca foi tão necessário realizar viagens epistêmicas longínquas, nas ágoras gregas e nas mentalidades incomuns, como a de Aristóteles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABBAGNANO, Nicola (2007) . *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Ed Martins Fontes.

ARISTOTELES (2003) . *Ética à Nicômaco*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Ed Martin Claret.

_____ (2006) .*De Anima* . Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed 34.

_____ (2006) . *Metafísica* . Tradução de Edson Bini. São Paulo: Ed EDIPRO.

BARNES, J(1995) . *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge University Press.

BERTI, Ernesto(1997) . *Aristóteles no século XX*. SP: Ed Loyola.

BIRMAN, Joel(1999) . *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DESCARTES (2005) . *As paixões da alma*. São Paulo: Ed Martins Fontes.

EVERSON. Psychology. IN BARNES, J(1995) . *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge University Press.

FIGUEIREDO, L. C(1991) . *Matrizes do pensamento psicológico*. Rio de Janeiro: Ed Petrópolis.

_____ (1996). *Revisitando as Psicologias- da epistemologia à Ética das Práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC.

_____ (2002) *Psicologia : uma (nova) introdução*. São Paulo: Ed Educ.

_____ (2002) . *A invenção do Psicológico- quatro séculos de subjetivação 1500 1900*. São Paulo : Ed Escuta.

FOUCAULT, M(1997) . *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Ed Forense Universitária.

_____ (2006) *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Ed Martins Fontes.

FONSECA, M (2003) . *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. SP: EDUC.

DESCARTES, R. (2005). *As paixões da alma*. São Paulo: Ed Martins Fontes.

HUSSERL, E(2001) . *Meditações cartesianas- introdução à fenomenologia*. São Paulo: Ed MADRAS.

LIMA VAZ, H(2004) . *Antropologia Filosófica*. Vol I e II. São Paulo: Ed Loyola.

MIORIM, R (2006) . *Aprender com o corpo: estabelecendo relações entre a psicologia analítica e*

as técnicas corporais taoístas. Dissertação (Mestrado).

Programa de Pós Graduação do Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

PESSANHA, J. (1996). *Vida e Obra: Descartes*. São Paulo: Ed Abril Cultural. Coleção Os Grandes Pensadores.

PLATÃO (2007). *Fédon: diálogo sobre a alma e morte de Sócrates*. São Paulo: Ed Martin Claret.

REY, Fernando. (2005). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo : Ed THOMSON.

_____ (2003). *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Ed THOMSON.

SANTI, P (1998) *A Construção do Eu na Modernidade- da Renascença ao Século XIX*. São Paulo:

Ed Holos.

SARGENTINI & BARBOSA (2004) . *M. Foucault e os domínios da linguagem- discurso, poder,*

Subjetividade. São Paulo: Ed ClaraLuz.

SIMBA, André (2004) . *A consciência- do corpo ao sujeito*
Descartes, Locke, Nietzsche, Husserl. São Paulo: Ed Vozes.

SINGER, Peter (1993) *Ética Prática*, Trad. Álvaro A.
Fernandes, Gradiva, Lisboa, 2000.

SCHULTZ& SCHULTZ(2005) . *História da Psicologia*
Moderna. São Paulo: ED Thompson.

STIRN, François (2006) . *Compreender Aristóteles*. São Paulo:
Ed Vozes.

WEBER, Max (2007) . *A ética protestante e o espírito do*
capitalismo. São Paulo: Ed Martin Claret.